



Vai decorrer de 23 a 25 de Outubro Feira da Maçã promove também actividades económicas de Armamar

Armamar vai promover mais uma edição da VIII Feira da Maçã, certame que decorre de 23 a 25 de Outubro e que pretende divulgar e promover as actividades económicas da região. O objectivo do Município passa por atrair visitantes, valorizando as actividades tradicionais e económicas de Armamar.

Para o presidente da Câmara, em conversa com a Gazeta Rural, o evento “pretende promover o sector primário, onde a maçã é rainha e por isso Armamar é conhecida como ‘Capital da Maçã de Montanha’”. João Paulo Fonseca diz que a área de regadio da barragem de Lumiães vai ser ampliada e reconhece que a falta de armazéns de frio é uma preocupação.

Gazeta Rural (GR): O que representa a Feira da maçã para o concelho?

João Paulo Fonseca (JPF): A Feira da Maçã é o maior certame ligado ao sector agrícola e pretende promover a maçã, um produto de excelência que se produz no nosso concelho. Armamar, enquanto concelho, é o maior produtor de maçã no Douro-Sul. Sabemos, contudo, que há outras regiões que também têm produção de maçã em grande escala.

Esta Feira, como referi, pretende promover o sector primário, onde a maçã é rainha e por isso Armamar é conhecida como ‘Capital da Maçã de Montanha’. Para além maçã há outros produtos de qualidade, produzidos no concelho, como o vinho e

o azeite que começam a ganhar expressão, tal como a cereja. Contudo, Armamar é o concelho que mais maçã produz em altitude, de grande qualidade e diferenciadora no mercado.

Este certame tem um objectivo principal que é a promoção e divulgação deste produto junto dos consumidores, não só nacionais mas também internacionais, porque já percebemos que a maçã de Armamar já captou interesse além-fronteiras. Cerca de 20% da produção é vendida directamente para Espanha. Temos empresas no concelho que já estão a exportar para mercados emergentes como o Brasil, Dubai ou Angola, onde, face às dificuldades financeiras que este país atravessa, houve alguma quebra das exportações.

Pretendemos, também, com a feira fazer perceber aos consumidores a excelência e a qualidade da nossa maçã e queremos que as pessoas a tenham como referência no mercado.

GR: A construção da barragem de Lumiães, no rio Temilobos, não resolveu totalmente a questão do regadio, especialmente nas partes mais altas do concelho. Há alguma solução em marcha?

JPF: A construção da barragem obedeceu a um projeto da responsabilidade total da Direcção Regional da Agricultura do Norte, que é proprietária da mesma. Sem pôr em causa a sustentabilidade do projecto, este definia uma área de cerca de 500 hectares como perímetro de rega da albufeira. O comportamento da barragem, ao longo destes 6 anos, fez-nos perceber que é possível aumentar o perímetro de rega e essa é a vontade do município. Aliás, já temos um pré-projecto de ampliação da rede e do perímetro de rega, que se estende por

uma zona produção de excelência de maçã e onde existe a maior mancha de pomares consolidada. Aliás, no concelho há manchas mais consolidadas que outras.

O município apresentou na Assembleia Municipal um pré-projecto de ampliação do perímetro de rega da barragem, que vai ser candidatado ao PDR 2020, que visa aumentar a capacidade e o perímetro em cerca de 300 hectares de área irrigada.

Percebo as críticas ou as sugestões dos fruticultores, mas compreendemos que esse projecto foi definido na altura com a direcção regional. Do perímetro de rega de 500 ha, só 350 correspondem a área de pomar. Há também áreas de hortícolas, florestais e de vinha.

Acredito que nos próximos dois anos o aumento do perímetro de rega será uma realidade, o que trará ganhos efectivos e importantes, nomeadamente no aumento da produção da maçã, porque percebemos que produzir maçã com rega é uma coisa e em terrenos de sequeiro é outra.

GR: Há muito que se fala na necessidade de aumento da capacidade de frio e os produtores queixam-se disso?

F: Acho que não são propriamente queixas, mas sim preocupações dos nossos fruticultores. Armamar tem uma capacidade de frio que é insuficiente para o aumento da produção, que nos últimos três anos se cifrou em cerca de 30%, facto que não tem sido acompanhado com infraestruturas de retaguarda, que são importantes para salvaguardar o valor do produto. Armamar dispõe hoje de cerca de 30% de capacidade de frio de qualidade, mas o mercado global não se compadece com isso e essa é uma preocupação.

O concelho foi pioneiro, há 25 anos, em câmaras frigoríficas que hoje não têm a capacidade que se exige ao mercado atual. Houve e há bastantes investimentos em frio, mas de uma forma dispersa. Para além da Frutas Cruzeiro II, que tem capacidade para seis mil toneladas de frio, não temos mais nenhuma grande unidade com capacidade de armazenamento e de frio.

Isso é um problema para o qual a autarquia está atenta, mas percebemos que hoje é difícil convencer os fruticultores, que já têm unidades dispersas pelo concelho, construir novas infraestruturas. Não se concentram as unidades de frio porque elas já existem, em dimensão mais reduzida, dispersas pelo concelho.

Percebemos que a concentração do produto é importante para fazer face às exigências do mercado, nomeadamente as encomendas das grandes superfícies, para além de que isso valoriza o produto. A exportação só se consegue fazer com produtos de excelência que nós já temos, mas também com a concentração do produto numa unidade que tenha capacidade negocial para fazer face às exigências do mercado internacional.

